

Drogas, dependência química e suas possibilidades: Perspectiva Analítica Junguiana.

Camila Gomes Poi¹

Rayane Gomes Poi²

Gabrieli Avaci De Sousa³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão da literatura sobre drogas e dependência química através de uma perspectiva da psicologia analítica. No decorrer do texto tem-se uma breve conceituação e contextualização, definindo o conceito de droga e sua história no decorrer dos anos, sua relação com o ser humano, a dependência do sujeito com essas substâncias psicoativas e o olhar destes pontos através da psicologia analítica. Para tanto, fez-se uma pesquisa bibliográfica que contempla artigos científicos de autores que vão trazer estudos sobre essa temática. O texto discorre sobre a temática droga e dependência que está diretamente relacionada com conteúdos do inconsciente, envolvendo aspectos do ego e sua estrutura psíquica. Por fim, é apresentado as possibilidades de tratamento envolvendo a droga e sua dependência.

Palavras-chaves: Drogas; Dependência; Individuação; Persona; Sombra; Arteterapia; Símbolos; Substâncias Psicoativas; Arquétipos e Complexos.

Drugs, chemical dependence and its possibilities: Jungian Analytical perspective.

The objective of this work is to review the literature about drugs and chemical dependence through an analytical psychology perspective. In the course of the text there is a short conceptualization and contextualization, defining the concept of drugs and its history over the years, its relationship with human being, the subject's dependence on these psychoactive substances and the look of these points through an analytical psychology. Therefore, a bibliographic survey was carried out that includes scientific articles by authors who will bring studies about this theme. The text discusses the drugs and addiction topic that is directly related to unconscious contents, involving aspects of the ego and its psychic structure. Finally, treatment possibilities involving the drug and its dependence are presented.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. E-mail: camila.poi@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. E-mail: rayane.poi@edu.unipar.br

³ Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. E-mail: gabrieli.sousa@edu.unipar.br

Key words: Drugs; Dependence; Individuation; Persona; Shadow; Art therapy; Symbols; Psychoactive substances; Archetypes; Complexes.

Drogas, dependencia química y sus posibilidades: Perspectiva Analítica Junguiana.

El objetivo del este trabajo es revisar la literatura sobre drogas y dependencia química a través de una perspectiva de psicología analítica. En el transcurso del texto se hace una breve conceptualización y contextualización, definiendo el concepto de droga y su historia a lo largo de los años, su relación con el ser humano, la dependencia del sujeto a estas sustancias psicoactivas y la mirada de estos puntos a través de la psicología analítica. Para tal fin, se realizó una búsqueda bibliográfica que incluye artículos científicos de autores que traerán estudios sobre este tema. El texto aborda el tema de las drogas y la adicción que está directamente relacionado con los contenidos inconscientes, involucrando aspectos del yo y su estructura psíquica. Finalmente, se presentan las posibilidades de tratamiento que involucran la droga y su dependencia.

Palabras clave: Drogas, Dependencia; Individuación; Persona; Sombra; Arteterapia; Símbolos; Sustancias psicoactivas; Arquetipos; Complejos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão sobre drogas através do olhar da psicologia analítica, considerando o uso e a dependência de drogas como algo benéfico ou maléfico dependendo da época sócio-histórico-cultural de cada sociedade. A partir da abordagem da teoria analítica, pode-se considerar que sua utilização perpassa aspectos biopsicossociais.

Vale ressaltar que atualmente a droga é considerada por muitos como algo prejudicial para o sujeito que faz uso desta substância. Entretanto, muitos desses usuários utilizam para fugir de aspectos sombrios da sua personalidade e também de conflitos internos, como uma forma de lidar com seu sofrimento psíquico. Dentro da perspectiva analítica, esses aspectos sombrios da personalidade são trazidos pelo conceito de sombra, que são as características negativas e indesejáveis do sujeito. Muitas vezes o indivíduo não aceita essas características e a droga pode trazer prazer e alívio, fazendo com que o indivíduo não lide com esses conteúdos indesejáveis. Ou seja, o Ego usa a droga como mecanismo de defesa para não lidar com conteúdos considerados por ele escuros e imorais.

Contudo, vale ressaltar, o uso excessivo da droga pode refletir negativamente nas relações familiares e sociais do indivíduo. Ademais, isso pode gerar complicações físicas, morais e materiais ao sujeito e, em casos extremos, até a morte.

Sendo assim, na atualidade a droga e a dependência é uma grande problemática, pois compromete a qualidade de vida do sujeito. Por isso, a psicoterapia é considerada uma possibilidade de tratamento para esses usuários. Quando se fala de psicoterapia, pensa-se em possibilidades, pois, cada sujeito em sua singularidade vê seu mundo de forma diferente. Com isso, a psicoterapia trabalha visando o auxílio àquele que se encontra em um estado de sofrimento psíquico. Na psicologia analítica, ao se entrar em contato com esse sofrimento, lida-se com conteúdos que estão no inconsciente. Vale ressaltar que, esses conteúdos serão vistos pelo olhar simbólico, possibilitando a compreensão para além do entendimento concreto. De modo geral, a psicoterapia pode possibilitar a compreensão de conflitos internos que geram sofrimento psíquico, fazendo com que o sujeito perceba sua relação com o uso de drogas. Isto possibilita uma reestruturação Ego a partir de conteúdos inconscientes que são trazidos para a consciência.

Droga e dependência

Segundo Silva e Moya (2016), a definição da dependência química é o consumo abusivo e compulsivo de drogas ou substâncias psicoativas que o sujeito inclui constantemente em seu dia a dia. Muitas vezes esta traz consequências prejudiciais ao organismo do indivíduo como, por exemplo, a dificuldade em dar continuidade às atividades de sua vida. Este uso contínuo influi em seu estilo de vida e afeta suas relações familiares e sociais que, muitas vezes, é acompanhado pelo aumento no índice da criminalidade. De acordo com Steiman (1995), é considerado drogas, substâncias naturais ou sintéticas, com permissão social ou não, que produzem uma alteração no estado físico ou mental de quem consome. Estas podem ser consumidas com o viés medicamentoso ou para uso corriqueiro.

Sobre a conceituação de substâncias psicoativas, Rodrigues (2017), afirmar que:

De início, deixamos claro que substâncias psicoativas (SPAs) são todos os compostos, químicos, naturais ou sintéticos que têm um efeito sobre a consciência; damos prioridade a este termo, pois o seu correspondente no senso comum, “droga”, tem pouco poder descritivo, além de trazer uma carga simbólica muito grande, principalmente associada ao abuso, à dependência, à marginalização, à pobreza, e todo um espectro de fenômenos e afetos que se encontram na sombra cultural de nossa sociedade. (Rodrigues, 2017).

Na atualidade, o consumo de drogas é umas das grandes problemáticas dentro da sociedade, preocupando as autoridades políticas e especialistas, pois, o consumo excessivo compromete a qualidade de vida dos usuários (Chagas, 2011). Álvarez, Gomes e Xavier (2014), em seus estudos, trazem relatos de usuários que já fizeram o uso excessivo das drogas

e como isso afeta a relação familiar do sujeito com brigas, afastamentos de seus familiares, e as complicações físicas, materiais e, principalmente, morais envolvidas.

Braz (2008), ao falar sobre os efeitos das drogas no sujeito afirma que:

Os seus efeitos podem variar por usuário e por droga. Estimulam a atividade física, causam inibição do sono e diminuição do cansaço e da fome, promovem sensação de poder e euforia, aliviam a tensão, relaxam os músculos, causam descoordenação dos movimentos, falta de ar, perda da capacidade crítica, visão dupla, náusea, confusão mental, alucinações, delírios, palidez, taquicardia, aguçamento dos sentidos, entre outros. O uso contínuo pode levar à morte, até mesmo a maconha, considerada leve por alguns, pode causar danos. Tudo depende de quem a usa e da maneira como ela é consumida. (p.2)

Ainda segundo este autor, existem benefícios e malefícios no uso dessas drogas, nem sempre elas aparecem como algo prejudicial. Para algumas pessoas é utilizado para aliviar conflitos internos do usuário, mas que ao ser utilizado de maneira contínua é possível ocorrer uma dependência e ocasionar situações irreversíveis, como por exemplo levar o indivíduo a morte.

Segundo Rodrigues (2006), o uso das drogas nem sempre foi visto como algo abominável, o uso dessas substâncias acompanhou a história da humanidade como uma busca de satisfação pelo prazer do sujeito. Na região brasileira do estado do Acre, indígenas utilizavam plantas como chás para a realização de rituais. Até o início do século XX, o consumo e a circulação de algumas plantas psicoativas, como cocaína, ópio e cannabis foram liberadas, sendo utilizadas de forma medicinal (Rodrigues, 2006).

Muitas vezes, a utilização das drogas era utilizada também como forma de alimento, uma vez que muitos de nossos ancestrais eram herbívoros. Diante da carência de alimentos, especificamente em períodos de extrema seca e frio, os indivíduos sofriam pela ausência de nutrientes no organismo. Um exemplo disso é a ligação entre os aminoácidos essenciais, neurotransmissores que seriam fundamentais para um bom funcionamento do organismo como por exemplo a serotonina, a dopamina e noradrenalina, hormônios que são fundamentais para o controle de agentes prejudiciais para o organismo humano. Esses agentes são essenciais para o enfrentamento de situações de estresse ambiental e controle da temperatura corporal que, por sua ausência, levam ao aparecimento de comportamentos inadaptáveis, lentos e energizados. A priori os psicoativos serviam como um armazém natural de neurotransmissores, uma maneira prática e rápida para renovar as energias psíquicas, auxiliando na adaptação do sujeito em seu habitat natural, atitude característica de um grupo em específico (Ribeiro, 2012).

Nesta perspectiva, ao contrário do que dizem, as drogas psicoativas não eram utilizadas apenas visando o próprio prazer, mas também por sua finalidade nutritiva, que era vista na época como uma necessidade, uma maneira de sobrevivência. (Ribeiro, 2012)

Segundo Nunes e Jólluskin (2007), quando se trata da problemática envolvendo o consumo da droga o assunto se torna complexo, pois, no decorrer da história, o valor atribuído ao consumo destas substâncias foi se modificando pela época, tempo e contexto histórico de cada sociedade. Assim, as percepções sociais sobre o uso variavam de acordo com o contexto social e histórico. Presentes no desenvolvimento da humanidade, estas substâncias e a dependência à elas deve ser olhado através deste olhar que percebe que em diferentes épocas da história as drogas podem aparecer como nocivas ou benéficas à organização dos sujeitos.

Levando em consideração o significado e os efeitos provocados no indivíduo através da utilização das drogas, percebe-se que a droga carrega significados que trazem consigo uma representação simbólica (Franz, 2011). Através desta perspectiva, a realidade histórica e subjetiva de cada indivíduo se encontra entrelaçada com seu processo psíquico alterado. Esta forma de olhar leva para além da visão de que as drogas são vistas pela sociedade de uma maneira negativa, muitas vezes utilizada pelos sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Entretanto, tem-se claro que o uso de substâncias ultrapassa classes sociais, gênero, etnia, religião e outras características que diferenciam o humano.

Segundo Gonçalves, Svoboda, Monteiro, Prochmann e Muniz (2020), as drogas são consumidas em excesso por muitas pessoas, sendo a maior parcela jovens. Estes são considerados uma parte vulnerável aos efeitos das drogas, pois muitos estudos trazem que são mais prejudiciais aos cérebros ainda em desenvolvimento do que em cérebros de pessoas adultas. Fatores associados ao uso se fazem presentes através da pobreza, pouca educação e marginalização social. Também, esses conteúdos colaboram para a relação entre transtornos mentais e consumo das drogas. Esses grupos podem enfrentar dificuldades para acessar serviços de tratamentos devido a discriminação e falta de acesso aos seus direitos.

Dentro da psicologia analítica pode-se ver que muitos estudiosos descrevem e analisam a relação dos sujeitos com as drogas. Assim, amplificam o conceito e significado de tal conteúdo, resultando em uma visão e um olhar crítico sobre a temática.

Ribeiro (2012) vai trazer em seu texto, relacionado ao campo da psicologia analítica, o conceito de dependências químicas definido dentro do campo de possibilidades. De forma ampliada, tal autor explica que a utilização das drogas dentro de uma perspectiva arquetípica, uma vez que sempre foi utilizada pelos indivíduos desde tempos antepassados.

Nesta compreensão, entende-se que o arquétipo trazido por Jung (2002), é representado por conteúdos do inconsciente que estão em constante transformação e, essas modificações ocorrem por meio da conscientização e percepção do indivíduo. Ribeiro (2012), também vai trazer o conceito de arquétipo para compreender e esclarecer essa atitude instituída e produzida na psique. Entra em relação com os conteúdos que representam modos típicos da humanidade, relacionados às drogas.

Na visão de Fortim e Araújo (2013), a dependência da droga está relacionada à aceitação dos aspectos sombrios e perturbações na infância. Isto é visto pois o uso pode produzir uma necessidade de se defender da ansiedade e até da angústia, fazendo com que o sujeito se defenda. Sendo assim a dependência seria um processo que pode dominar a psique, impedindo o sujeito de fazer suas atividades do dia a dia.

Junto a isso, tem-se a ideia de que o uso da droga provoca sensações de prazer, permitindo que o sujeito acesse conteúdos inconscientes, ou, de outra forma, conteúdos que são poucos acessados pelo sujeito. Entretanto, o contato com esses conteúdos podem aparecer de forma descontrolada, afetando as funções cognitivas e sociais negativamente (Franz, 2011).

Dentro destes aspectos inconscientes, Fortim e Araújo (2013) discorrem sobre como o sujeito pode se identificar com a persona, através da valorização do prazer e pontos positivos de si na relação com o meio. Nesta relação, nega-se cada vez mais a sombra, partes incômodas de sua realidade. Aos poucos, esse comportamento repetitivo se torna o único modo da psique funcionar, evitando sentimentos de medo, insegurança e infelicidade.

Sombra e persona serão definidas por Edinger (2004) como características negativas e adaptativas do sujeito, respectivamente. No processo de desenvolvimento, o ego exclui dos processos conscientes aspectos e características considerados indesejáveis, escuros e imorais para o indivíduo ou a sociedade. Do outro lado, a persona é definida como uma máscara, uma personalidade que usamos para se adaptar às expectativas dos outros. O jogo entre esses envolvidos - ego, persona e sombra - interagem de modo a, sob o efeito de substância, proporcionar ao sujeito alívio e desencontro com conteúdos incômodos. Entretanto, como colocado acima, justamente por essa relação o mesmo pode ser colocado de frente aos seus conteúdos mais sombrios.

Para Fortim e Araújo (2013), a droga pode proporcionar para o sujeito a realização de uma fantasia, criando uma realidade em si mesma. Há neste estado uma alucinação do real que altera a capacidade de simbolização, significação. Assim, as drogas não são apenas conteúdos concretos, mas também são simbólicos ao manifestarem-se na consciência como

possibilidade subjetiva. A satisfação, nessa realidade criada, não viria apenas do vício em si, mas também da possibilidade de evitação de formas e estados sombrios e pantanosos da alma. Dessa forma, as drogas representam um conteúdo cotidiano, percebido pelos sentidos, mas se torna algo complexo que pode se relacionar a uma ideia ou algo concreto e abstrato (Kast, 2013). Por esse motivo, elas possuem uma representação diferenciada aos sujeitos, relembrando os antigos rituais colocados acima. Essa relação entre símbolos e drogas se liga a imagens que nosso inconsciente produz na interação com conteúdos conscientes.

Como descreve Jung (2015), o símbolo seria uma definição ou uma figura que pode ser conhecida pela sua forma e em sua superficialidade externa, mas não em sua profundidade. Assim, conhecemos a droga como um objeto de estudo, mas desconhecemos a peculiaridade do significado para o usuário, uma vez que o significado teria uma ligação com o inconsciente e dificilmente poderá ser definido com precisão. Dessa forma, compreende-se o porquê alguns usuários de drogas buscam o tratamento e outros não, pois a relação com a droga está internalizada como uma representação que somente o indivíduo será capaz de revelar, para assim buscar uma maneira de lidar com esses conteúdos.

Byington (2016) relata que, o simbólico é fundamental para a estruturação da consciência, ou seja, dar a forma a mesma. Sendo assim, tudo que é conhecido pelo indivíduo dentro da esfera do pensamento e do comportamento é uma representação simbólica. O mesmo autor discorre que, através de alguns estudos, foi comprovado que o sistema nervoso trabalha simbolicamente agrupando a razão e a emoção, inconsciente e consciente. Assim sendo, analisa-se que a experiência acompanhada pela formação de um complexo afetivo intensifica os registros do hipocampo. Para Kast (2013), os complexos em si são sem forma, uma inclusão de conteúdos inconscientes que se tornam aparentes através do simbólico. Quanto maior a afetividade associada a um complexo em específico, mais forte se torna o complexo, sendo outros conteúdos reprimidos. A priori, um complexo poderá ser carregado ou ser apenas um complexo para o indivíduo, podendo tanto bloquear como abrir possibilidades para novas vivências. A de se atentar que, se os complexos não se tornarem conscientes, o mesmo poderá ser vivenciado como projeções e/ou outras formas de interferência que paralisaram a energia do sujeito.

Ao analisar aspectos profundos e inconscientes sobre a utilização da droga, vê-se que a mesma seria um complexo, pois, para cada usuário que a consome haverá um significado único e pessoal que ficará mais ou menos explícito. Isto implica que, essa representação ao ser experienciada poderá ser utilizada de forma exacerbada e prejudicial, ou ser uma abertura para a organização da psique. Para definir se um complexo será ativo dependerá da

importância emocional que a mesma gera ao interagir com o organismo e a interação com o meio que o mesmo vive (Kast, 2013).

A partir disso, pode-se perceber que quanto maior for a ligação emocional ligada ao consumo da droga mais carregado será o complexo. Ou seja, mais importância terá para o indivíduo. Por isso, enquanto alguns usuários tendem a utilizar a droga de maneira exagerada e recorrente, desenvolvendo como consequência o vício pela substância, outros utilizam-se da mesma esporadicamente de maneira consciente, sem ter uma ligação tão intensa.

Se a utilização da droga e os seus efeitos não forem percebidos, principalmente os efeitos agravantes à saúde não forem observados pelo usuário, o mesmo sem perceber irá transferir seus conteúdos na droga, e o usuário sem perceber estará tomado por ela.

Pensando no desenvolvimento do sujeito, de acordo com Oliveira (2005), pode ocorrer uma estagnação no processo evolutivo do sujeito. Isso faria com que o mesmo não aprendesse a lidar com seus conteúdos emocionais, problemas ou vivências conflitantes. O uso das drogas, nesta perspectiva, aparece como um meio de se deparar ou atenuar o que sente, fato que dificulta o processo de individuação. Ao contrário da dependência química a individuação seria uma porta para a transformação do sujeito para que, auxiliando que o mesmo enxergue seus conteúdos de maneira consciente o que muitas vezes a dependência acaba por aprisionar a individualidade, dificultando o alcance da sua totalidade.

Para Edinger (2004), a individuação é um processo em que o ego toma consciência de Si-mesmo, relacionando-se com ele. Esta relação entre ego e Si-mesmo, faz com que o indivíduo se compreenda e comece a compreender que é diferente de outras pessoas, com experiências e vivências únicas.

Seguindo por este caminho, Seibel (2010) afirma que a utilização do termo droga e os efeitos que a mesma causa na subjetividade do indivíduo não deve ser visto apenas por um viés farmacológico, mas sim biopsicossocial. Posteriormente, este mesmo autor, afirma que não existiria a droga em si, pois seria um exercício simbólico e um agrupamento de motivações que ocorrem no indivíduo ao consumir a droga. Assim, haveria uma transmutação das substâncias psicotrópicas em uma experiência com a droga. Nesta perspectiva, o usuário não pode ser visto somente através de um olhar psicopatológico, considera-se que o indivíduo que se utiliza de uma representação para comunicar consigo e com o meio em que o mesmo se encontra. Nesta perspectiva, o efeito causado no aparelho psíquico não teria uma relevância central, já que a maior importância estaria na compreensão e interpretação que o indivíduo dá à sua experiência - levando em consideração fatores sociais, culturais, afetivos e cognitivos que compõem a realidade do mesmo.

Em vista dessas colocações, a psicoterapia adentra a uma prática que busca trabalhar a atenção psicológica voltada para o auxílio do indivíduo que se encontra em estado de sofrimento psíquico. De acordo com Santos (2007), ao deparar-se com uma situação, o sujeito apresenta uma dificuldade em encontrar mecanismos de defesa propícios para uma melhor maneira de solucionar o conflito naquele momento e, neste ponto, entra o profissional de psicologia.

Nesse sentido Edinger (2004), vai dizer que o ego torna-se, de maneira gradual, consciente de sua própria natureza, ou seja, o indivíduo compreende a si mesmo. Sendo assim, o indivíduo poderá estar consciente de sua sombra, de sua totalidade e compreender suas projeções.

Como descreve Franz (2011), na psicologia analítica, o processo de tratamento psicoterapêutico envolve o trabalho de conteúdos inconscientes que são trazidos à consciência. Podemos destacar que um dos principais objetivos da psicoterapia é a busca da promoção do bem-estar e autoconhecimento sobre si. Ademais, ao analisar os conflitos a partir desta perspectiva, sai-se do concreto e visualiza-se novas possibilidades de compreensão dos conteúdos trazidas pelos usuários.

Esse olhar que leva em consideração o simbólico, faz com que o conteúdo seja analisado além de seu significado óbvio, tornando-se um estudo mais profundo. Ao entrar em contato com esses conteúdos existe a possibilidade da compreensão de que as questões internas estão diretamente relacionadas ao mundo exterior (Franz, 2011).

Sendo assim, o sujeito usuário que participa da psicoterapia tem a possibilidade de compreensão de conteúdos que envolvem o desejo do uso da droga, além de possibilitar a consciência de todo o seu processo de dependência. Ademais, a partir da psicoterapia, o indivíduo tem a possibilidade de enxergar novas formas de si mesmo, afetando diretamente sua perspectiva de vida, o que acarreta em mudanças em vários contextos.

Na psicoterapia como forma de tratamento, o indivíduo pode trabalhar sua individuação. Nesse sentido Edinger (2004) psicoterapia como forma de tratamento, o indivíduo pode trabalhar sua individuação. Nesse sentido Edinger (2004), vai dizer que o ego torna-se, de maneira gradual, consciente de sua própria natureza, ou seja, o indivíduo compreende a si mesmo. Sendo assim, o indivíduo poderá estar consciente de sua sombra, de sua totalidade e compreender suas projeções.

O indivíduo, ao se conscientizar desses fatores, compreende a si mesmo, no sentido de que o mesmo percebe a relação entre droga e seu corpo, físico e psíquico. Com isso, o mesmo pode agir sobre seus desejos e não deixar ser influenciado e contaminado por eles, ou

escolher apenas por permanecer se relacionando com a droga de maneira ressignificada e consciente.

Contudo, além da psicoterapia, pode-se conhecer outras formas de tratamentos existentes para a problemática da drogadição. Essas outras formas de tratamentos podem se tornar uma potencialidade para o tratamento psicoterapêutico. Destacam-se opções e métodos de tratamento utilizados em sua formatação farmacológica, os 12 passos (tratamento desenvolvido com o propósito ajudar pessoas na luta contra o vício em suas mais variadas formas), programas de reabilitação psicossocial, entre outras possibilidades (Santos, 2007). Quando se fala de tratamento farmacológico, pensamos na possibilidade de potencialização do tratamento psicoterapêutico, pois, em alguns casos específicos, o uso desses medicamentos se torna algo necessário para um tratamento mais eficaz para o sujeito. Analisa-se a individualidade e necessidade de cada sujeito e suas particularidades a fim de identificar a melhor forma de tratamento.

De acordo com Ribeiro e Fernandes (2013), outra alternativa seria a “Redução de danos”. Um agrupamento de intervenções que têm como principal objetivo a prevenção de possíveis danos prejudiciais à saúde, diminuindo o impacto que a substância causa ao organismo.

Quando se trata de possibilidade de tratamento envolvendo a arte, pode-se compreender que a arteterapia tem uma grande contribuição. De modo geral, como descreve Coqueiro, Vieira e Freitas (2009), a arte como instrumento de trabalho psicoterapêutico contribui para o enriquecimento da criatividade, incentivo da expressão dos sentimentos, descobrimento de novas possibilidades singulares e desenvolvimento da autonomia nas expressões. A arte dentro do processo psicoterapêutico com dependentes químicos pode proporcionar ao sujeito um bem-estar psíquico e mudanças nas relações afetivas e interpessoais. Com isso, como resultado das potencialidades produzidas pela arteterapia, os indivíduos transformam a maneira de lidar com seu sofrimento psíquico, minimizando assim, fatores considerados negativos.

Além disso, como também descreve Torres e Costa (2018), trabalhar com a arte estimulando a criatividade pode beneficiar o fortalecimento estrutural do Ego e sua própria conscientização de si mesmo.

De acordo com Reis (2014), através da atividade artística seria possível a expressão de fatores inconscientes e conscientes do indivíduo, agregando processos de simbolização do inconsciente individual e coletivo. Assim, este autor propõe trazer para os atendimentos uma linguagem expressiva que tem por objetivo deixar livre para que os pacientes desenhassem

desde os sonhos até os conflitos pessoais. O que torna esse instrumento importantíssimo é sua capacidade em dar forma a conteúdos e transformar conteúdos carregados de energia em uma forma concreta, visível ao olhar do profissional.

A arteterapia, além de ser uma excelente mediadora, carrega consigo a produção da criatividade, autonomia subjetiva, transformação de energia através de uma função catártica. Desse modo, a técnica é um grande fortalecedor do aparelho psíquico (Reis, 2014).

A partir disso, compreende-se a arteterapia como instrumento de tratamento a dependentes e usuários. A arte em si possibilita ao usuário expressar seus sentimentos de forma singular, sua compreensão sobre seu mundo, externalizando conteúdos que estão gerando conflitos internos e afetando negativamente a psique.

Em grande parte os usuários encontram-se em vulnerabilidades emocionais, conteúdos profundos e sensíveis. Deve-se, neste sentido, prezar por práticas que possam facilitar a expressão desses conteúdos, despertando maneiras dinâmicas de externalizar potencialidades que o usuário não reconhece - uma vez que muitos se enxergam apenas como dependentes químicos e não como indivíduos.

CONCLUSÃO

O presente estudo foi realizado através de estudos bibliográficos que possibilitaram a compreensão do conceito droga integrado à dinâmica social e psíquica. Foi possível compreender alguns aspectos que envolvem a relação do sujeito com a droga e a sua dependência. Entende-se, assim, que a psicologia analítica possibilita a compreensão da droga a partir de um olhar mais amplo, com diversas possibilidades. A partir disso, percebe-se também o quanto a droga pode ser vista como algo positivo para alguns.

Observou-se a partir deste estudo, que a dependência é definida de modo geral, como o uso compulsivo e abusivo de drogas. Esse uso traz consequências prejudiciais para esse indivíduo, afetando seu meio familiar e social, interferindo na sua qualidade de vida.

Ademais, por meio deste, foi possível compreender a relação da droga e sua dependência com a estrutura psíquica do indivíduo e como a teoria da psicologia analítica aborda o assunto e explica sua funcionalidade. O texto também apresenta possibilidades de tratamento que engloba a psicoterapia e o papel da psicoterapia, entre outros.

Por fim, compreendeu-se que a necessidade de trabalhar com o sujeito em sua singularidade, perpassando pelo sujeito concreto e alcançando os locais sombrios de sua alma.

Referências

- Alvarez, S. Q.; Gomes, G. C.; Xavier, D. M. (2014). Causas da Dependência Química e suas consequências para o usuário e sua família. Revista de enfermagem UFPE on-line. Recife.
- Braz, R.(2008). O combate às drogas através da educação. EDUEM - Universidade Estadual de Maringá.
- Byington, C, A, B. (2006). Psicopatologia Simbólica Junguiana. Editora e Gráfica Linear B.
- Chagas, A. (2011). A construção social da realidade das drogas: mídia, discurso. Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Ijuí-RS.
- Coqueiro, N. F.; Vieira, F. R. R.; Freitas, M. M. C. (2009). Arterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. Acta Paul Enferm, 2010;23(6):859-62. Fortaleza - CE - Brasil.
- Edinger, E. F. (2004). Ciência da Alma: uma perspectiva junguiana. [tradução Gustavo Gerheim]. São Paulo: Paulus. cap. 1.
- Fortim, I.; Araujo, C. (2013). Psicologia analítica e as dependências: uma revisão. Revista Junguiana, n. 32/2, p. 1-14. São Paulo.
- Franz, M. L. (2011). Psicoterapia. 3º ed. São Paulo: Paulus.
- Gonçalves, L; Svoboda, N; Monteiro, L; Prochmann, I. & Muniz, J. (2020). Enfrentamento ao Álcool, crack e outras drogas. MPPR- Ministério Público do Paraná. Curitiba.
- Jung, C. G. (2002). Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Editora Vozes. 2º ed.
- Jung, C. G. (2015). Símbolos e Interpretação dos Sonhos. In: A Vida Simbólica. (p.204- 292). Petrópolis: Editora Vozes. V. 01.
- Kast, V. (2013). A dinâmica dos símbolos: Fundamentos da Psicoterapia Junguiana. Editora Vozes. Petrópolis- RJ.
- Nunes L.; Jóluskin, G. (2007). O uso de drogas: breve análise histórica e social. Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Oliveira, M. (2005). Dependências: o homem à procura de si mesmo: consideração a respeito de tratamento e prevenção de farmacodependência e jogo patológico. São Paulo: Ícone.
- Reis, A,C.(2014). Arteterapia: A arte como instrumento do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, vol.34 (n.01).
- Ribeiro, M. (2012). Drogas: Uma leitura Junguiana da História e da Clínica das dependências. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo. p.352.

- Ribeiro, F; Fernandes, A.(2013). Tratamentos para usuários de drogas: possibilidades, desafios e limites da articulação entre as propostas da redução de danos e da psicanálise. Revista Analytica.
- Rodrigues, I. L. (2017). Psicologia junguiana e experiência psicodélica: revisada drogas. Instituto Junguiano da Bahia - XVII Curso de Psicoterapia Analítica. Bahia.
- Rodrigues, L. B. (2006). Controle Penal Sobre Drogas Ilícitas. 305 f. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, A. M. (2007). Psicoterapia Psicanalítica: Aplicações no tratamento de pacientes com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, vol. 3, núm. 1, p. 0. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - São Paulo, Brasil.
- Silva, T.; Moya, C. (2016). Dependência química arteterapia: revisão bibliográfica. Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Ciências da Saúde. São Paulo.
- Seibel, S. D. (2010). Dependência de Drogas. In Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualístico. (pp.27- 1192). São Paulo: Atheneu.
- Steiman, R. (1995). O mapa da droga. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Torres, A. C.; Costa, M. V. (2018). Vários olhares de pesquisa científica em arteterapia. Revista Arterapia Cores da Vida. Ano 14 - Vol. 25 - núm. 2 - Julho - Dezembro - 2018.